

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS –
LICENCIATURA

THIALLANDIER RENHKOG PINHEIRO

**O PRECONCEITO EM RELAÇÃO À COMUNIDADE KAINGANG DA TERRA
INDÍGENA RIO DAS COBRAS (NOVA LARANJEIRAS/PR) NA PERCEPÇÃO DE
ESTUDANTES INDÍGENAS DA UFFS (CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL/PR)**

**PRECONCEITO TAG TO TÓNH KE COMUNIDADE RIO DAS COBRAS (NOVA
LARANJEIRAS/PR) TÃ TÁ VÉNHRÁNRÁN TI TY KANHGÁG AG TO UFFS KI
(CAMPUS DE LARANJEIRAS DO SUL/PR)**

LARANJEIRAS DO SUL – PR

2023

THIALLANDIER RENHKOG PINHEIRO

**O PRECONCEITO EM RELAÇÃO À COMUNIDADE KAINGANG DA TERRA
INDÍGENA RIO DAS COBRAS (NOVA LARANJEIRAS/PR) NA PERCEPÇÃO DE
ESTUDANTES INDÍGENAS DA UFFS (CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL/PR)**

**PRECONCEITO TAG TO TÓNH KE COMUNIDADE RIO DAS COBRAS (NOVA
LARANJEIRAS/PR) TÃ TÁ VÉNHRÁNRÁN TI TY KANHGÁG AG TO UFFS KI
(CAMPUS DE LARANJEIRAS DO SUL/PR)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS como requisito parcial para aprovação no Seminário de Socialização de TCC.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Pontarolo.

LARANJEIRAS DO SUL – PR

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Pinheiro, Thiallandier Renhkog

O preconceito em relação à comunidade Kaingang da Terra Indígena Rio das Cobras (Nova Laranjeiras/PR) na percepção de estudantes indígenas da UFFS (Campus Laranjeiras do Sul/PR) / Thiallandier Renhkog Pinheiro. -- 2023.

33 f.:il.

Orientador: Doutor Fabio Pontarolo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas, Laranjeiras do Sul, PR, 2023.

1. Indígenas. 2. Kaingang. 3. Preconceito. 4. Discriminação. 5. Violência. I. Pontarolo, Fabio, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

THIALLANDIER RENHKOG PINHEIRO

**O PRECONCEITO EM RELAÇÃO À COMUNIDADE KAINGANG DA TERRA
INDÍGENA RIO DAS COBRAS (NOVA LARANJEIRAS/PR) NA PERCEPÇÃO DE
ESTUDANTES INDÍGENAS DA UFFS (CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL/PR)**


Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado
como requisito para obtenção de grau de Licenciado em
Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em: 30/06/2023

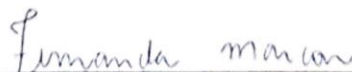
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr Fábio Pontarolo – UFFS
Orientador



Prof.ª Dr.ª Ana Cristina Hammel– UFFS
Avaliadora



Prof.ª Dr.ª Fernanda Marcon – UFFS
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer primeiramente à Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Laranjeiras do Sul/PR, por ter me oferecido esse curso. Quero também agradecer aos professores que me ajudaram na universidade. Desde que ingressei na UFFS tive dificuldades com relação a minha língua, pois não conseguia dominar a língua portuguesa.

Durante os últimos anos, amigos e familiares me ajudaram bastante. Quase desisti no meu curso por causa de preconceito e da discriminação, mas meus amigos do curso não me deixaram desistir. O curso de licenciatura em Educação do Campo - Ciências Sociais e Humanas me ensinou bastante. Desenvolvi conhecimentos da docência como professor na Terra Indígena, como trabalhar em sala de aula com os alunos, enfim, com esse curso aprendi muitas coisas.

Aprendi a ensinar os alunos durante os estágios que eu realizei, então a UFFS de campus Laranjeiras do Sul é uma excelente universidade para estudar, pois eu não sabia trabalhar como professor, não sabia o objetivo do trabalho como professor, mas aprendi várias formas de conhecimento, não somente sobre a atuação do professor, mas também como manifestação da luta pela terra. Esse conhecimento que aprendi na universidade compartilhei com a minha comunidade.

Porém, também é importante trazer o conhecimento de outra realidade, de fora da comunidade. Então meu agradecimento vai para cacique da comunidade da T. I. Rio das Cobras, aos amigos da universidade e também a todo o apoio da minha comunidade na Terra Indígena Rio das Cobras.

RESUMO

Essa pesquisa pretende aprofundar a temática do preconceito e dar visibilidade as discriminações sofridas pelos indígenas Kaingang da Terra Indígena Rio das Cobras, no município de Nova Laranjeiras/PR. Compreendemos que as formas de preconceito e discriminação sofridas pelos indígenas na região estão associadas à condição de emergência das diferenças: seja pela afirmação e manipulação da condição da diferença, seja por sua insistente negação ou dissimulação. Em ambos os casos, entendemos que o não reconhecimento das diferenças ou a falta de respeito com elas se fazem presentes, criando novos padrões de violência. A reflexão que pretendemos fazer nesse trabalho visou compreender a existência de uma ponte entre o preconceito e a violência, o que enfatiza as diversas formas de discriminação e exclusão e compreende os seguintes aspectos: os parâmetros jurídicos em relação e existir e reconhecer; as ciências sociais diante da construção das diferenças/semelhanças e os fundamentos conceituais da categoria preconceito em suas derivantes em relação às de discriminação e exclusão social. Nesse caso, investigamos os mecanismos do preconceito: percebe-se que há situações que envolvem preconceito com os indígenas dentro e fora da comunidade, essas situações ocorrem na escola, nos comércios e no posto de saúde que presta atendimento aos indígenas. Nesse viés, o interesse pela pesquisa origina-se no intuito de que este estudo possa contribuir para amenizar esta problemática. Para a realização dessa pesquisa utilizamos a metodologia de entrevistas com estudantes indígenas da Terra Indígena Rio das Cobras matriculados na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, no Campus Laranjeiras do Sul-PR, discutindo situações ainda vivenciadas pelos acadêmicos indígenas entrevistados.

Palavras chave: Preconceito. Discriminação. Indígenas. Kaingang. Violência.

TO KĀMÉN

Pesquisa tag vy ty sy preconceito ve jā éné to ke ni, ken jé ún tóg to tó ejā tú pé ní, ky sóg tag ve, ky to tó mú sir, tag vy Rio das Cobras ki ké gé discriminação tag ég jamā tóg ty Municipio ty Nova Laranjeiras mré ki ní sir PR ki. Uri inh sóg preconceito kar ky discriminação tag ve ky jóg to rán sor mú, sy kar ky inh mré kanhgág as ty ki kanhã jé gé inh mré, he éne tó tónh ke vé tag ki ã jag my. Ken jé ég ty ty kanhgág tag tó jantar mú discriminação tag tugrin: Ú ag tó huru mí mú é my, vénhvi kórég tag tugrin, kara ú ag tóg grinín tú nigti, ag my tóg ty nén tú tígtí vénhvi kórég tag ti. Hara tag tó ty ti ty ún ki ke mú ag tavi to ken í, uri ég tóg ki kanhrã sir, ag ty ég respeita he tú tag ki, hãra tó vere uri ke ni vénhvi kórég tag ti, vénhvi ko´reg tag tugrin , venhvi ty ég to ví kónã tóg kamúgmú sir. Ky sir sy nén tó ní tag tó sý ég ty vé ky ki kanhrã jé he to ke ni, ég ty kar ky ki kanhró natí jé emú preconceito tag ki, ég ty kar ky kato vãsãhsãnh jé emú ken jé discriminação tóg tãmi epéti, kar violênciã mre hãra ég ty to ki kanhrã ke ã vy ty: ég ty parâmetro ú han he um jurídico mré ég ty kar ky véjykré tag ki kanhró nati gé sir, ky sóg sir ciências sócias tag ki rán ky ním mú sir, én ú ty kar ky ú he tunigé . ky tag tó ty diferencias/semelhanças tag tó ty inh sy vãhã vé ky to tó ní sir hã toa g tó preconceito he tí sir kar ky sir ú ag ty ég ki évãnh tú éne mré ki gé, preconceito tag tugrin. Ky ég tóg tag tugrin investigar é sóro mú sir, ne tugrin ké né discriminação tag: hara tóg indígenas ég ty, ty kanhgág tag hã ki ke han, han he já ní, ég ga fora tá, kar ky ég kã ki gé escola ty tó kã kã nigé preconceito tag, kar ky comercio tá ki gé kar ky posto de saúde tá ki gé, tá ag tóg ag atende he já tú ni eja nigé. Ky pesquisa tag tó to ky ní sir inh tóg hãni é, sy héri kenky problemática tag vy ég ki kãrã vy he éne to ke vé sir, inh sy kar ky ag my tó jé sir. Sy pesquisa tag han jé só to jygrén han pé han, alunos ag ki pesquisa han mú, ag ki jó jémeg mú sir, ag ki jó entrevista han mú gé, aluno ty kanhgág ag ki, tag ki Rio das Cobras ki ky sy tag tónh ke vé sir ta ki Universidade Fedral da Fronteira Sul ki tag tóg ta kã jég ti campus de Laranjeiras sul – PR ki.

Nén to kãmén já: Preconceito. Discriminação. Indígenas. Kaingang. Violência.

ABSTRACT

This research intends to deepen the theme of prejudice and the visibility of discrimination suffered by the Kaingang indigenous people of the Rio das Cobras Indigenous Land, in the municipality of Nova Laranjeiras/PR. We understand that the forms of prejudice and discrimination suffered by indigenous peoples in the region are associated with the condition of emergence of differences: either by affirming and manipulating the condition of difference, or by its insistent denial or dissimulation. In both cases, we understand that the non-recognition of differences or the lack of respect for them are present, creating new patterns of violence. The reflection that we intend to do in this work aims to understand the existence of a bridge between prejudice and violence, which emphasizes the various forms of discrimination and exclusion and comprises the following aspects: the legal parameters in relation to existing and recognizing; the social sciences in view of the construction of differences/similarities and the conceptual foundations of the prejudice category in its derivatives in relation to those of discrimination and social exclusion. In this case, we want to investigate the mechanisms of prejudice: it is clear that there are situations that involve prejudice against indigenous people inside and outside the community, these situations occur at school, in stores and at the health center that provides care to indigenous people. In this bias, the interest in the research originates in the intention that this study can contribute to alleviate this problem. To carry out this research, we used the methodology of interviews with indigenous students from the Rio das Cobras Indigenous Land enrolled at the Federal University of Fronteira Sul - UFFS, at Campus Laranjeiras do Sul-PR, discussing situations still experienced by the indigenous academics interviewed.

Keywords: Prejudice. Discrimination. Indigenous. Kaingang. Violence.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 - Terra Indígena Rio das Cobras.....	18
MAPA 2 - Localização das aldeias na Terra Indígena Rio das Cobras.....	19

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	11
II. CAPÍTULO 1: O preconceito histórico em relação à comunidade Kaingang..	15
III. O preconceito contra o povo Kaingang do Rio das Cobras.....	17
IV. CAPÍTULO 2: A discriminação em relação aos indígenas na universidade...	22
V. A universidade para os indígenas.....	23
VI. Entrevistas com estudantes indígenas.....	24
VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
IX. ANEXO	33

I. INTRODUÇÃO

A pergunta principal que tentamos responder é: há discriminação e preconceito contra os indígenas Kaingang da Terra Indígena Rio das Cobras no município de Nova Laranjeiras/PR? Confirmando a existência desses preconceitos, poderemos investigar também quais formas de preconceito e discriminação ocorrem com os indígenas na região, e qual é a origem desse problema.

A ideia de pesquisar a discriminação e o preconceito surge a partir de observações e experiências pessoais que vem ocorrendo ao longo desse período da minha vida. Essa pesquisa surge da necessidade de entender e explicar os fatores que causam o preconceito e a discriminação contra os povos indígenas da Terra Indígena Rio das Cobras.

Por minha experiência de vida, fiquei interessado em investigar esse processo ao longo do tempo até a atualidade. Esse tema também foi escolhido porque vejo que pessoas da minha comunidade sofrem por causa de preconceito. Esse preconceito acontece em relação à linguagem, à cor da pele, à cultura, aos adornos (brincos, cocar, entre outros objetos).

Esse tema também foi indicado porque não há muitas pesquisas nessa área com relação à terra indígena de Rio das Cobras. Observando a problema que está implantado dentro da Terra Indígena, podemos pensar formas de melhorar a situação para que os indígenas sofram menos preconceito. Analisando esse processo, inicialmente notamos que são as mulheres indígenas que sofrem mais preconceito e discriminação. As situações ocorrem principalmente quando elas estão fora do território da Terra Indígena, nos postos de saúde, no trabalho e na cidade de Nova Laranjeiras/PR.

A principal hipótese é a de que os indígenas da Terra Indígena Rio das Cobras sofrem diversos tipos de preconceito. As mulheres indígenas sofrem mais preconceito, e as formas de discriminação aumentam quando os indígenas estão fora da Terra Indígena.

Tentamos analisar historicamente a temática do preconceito especificamente contra os indígenas Kaingang, investigando a realidade atual na Terra Indígena Rio das Cobras. Para alcançar esse objetivo, buscamos inicialmente compreender historicamente o preconceito em relação ao indígena no Brasil, e em um segundo momento analisamos a cultura e a diversidade do povo Kaingang. Por fim,

realizamos uma análise sobre aldeia indígena Rio das Cobras, investigando os casos de preconceito e discriminação que ocorrem através de duas entrevistas e da pesquisa de campo.

A partir dos estudos selecionados a seguir, consideramos que o preconceito faz parte do domínio da crença por ter uma base irracional, e não no conhecimento que é fundamentado no argumento racional. O preconceito pode ser fruto de uma personalidade intolerante, porque algumas pessoas são possivelmente autoritárias e acreditam em normas do respeito máximo à suas ideias pré-concebidas, desprezando qualquer outra ideia que ultrapasse a realidade que consideram como "normal".

Conforme Rosely Pimenta (2009), para investigar o preconceito e a discriminação contra os povos indígenas e outros grupos étnicos é necessário conhecer o seu conceito, haja vista que os estudos da maioria dos autores apontam que tal fenômeno medeia a relação do não-indígena com o indígena brasileiro. Para Viana e Limberti (2011), o preconceito vem da discriminação:

Muitos brasileiros ainda hoje têm uma visão distorcida sobre quem realmente são os povos indígenas habitantes do território brasileiro. O preconceito é patente, deixando claro o total desconhecimento sobre quem são os indígenas. Há quem pense que os povos indígenas estão errados ao exigirem seus direitos e há, ainda, aqueles que os consideram como "povos atrasados". Além dessa visão, em algumas lições da escola, o aluno aprendia que os índios eram seres maus. Um senhor, ao ser entrevistado, critica a escola, afirmando que ela era lugar em que 'se aprendia que o índio era mau, matava, atacava...essas coisas todas. Mas era tudo o contrário do que diziam. Geralmente é o branco que ataca para pegar terra, minério...'. Fica claro aí como 'o discurso pode ser um influente tipo de prática discriminatória' (VIANA; LIMBERTI, 2011, p.07).

A partir disso, nosso objetivo foi o de analisar se é possível investigar tais conceitos nas falas dos indígenas que entrevistamos. É preciso acrescentar também a tal situação o fato de que muitos indígenas negam sua própria identidade para evitar tais preconceitos. Este trabalho problematiza que esta visão está acontecendo até hoje. Por causa disso, alguns indígenas abandonam a sua cultura, e depois adotam a cultura do não índio porque cansaram de sofrer discriminação. Dentro da cidade de Nova Laranjeiras também acontece esse preconceito no caso do idioma, ou quando um indígena é discriminado dentro do trabalho. Há casos em que o próprio Kaingang conversa em língua portuguesa com seus parentes indígenas porque existe medo em falar a língua Kaingang na frente de não indígena. Em

alguns casos, os não indígenas chamam os indígenas de bichos por causa da língua diferente.

Como explica Bandeira (2009), no momento em que o poder público, através da elite política, parece favorecer ou desfavorecer determinados grupos identificados por sua etnia, raça, religião, sexo, região, etc., o estado nega a legitimidade de existir e de se exprimir de muitos outros segmentos étnicos e culturais, deixando as portas abertas às práticas preconceituosas e discriminatórias.

Deste modo, é necessário que esclareçamos: os povos indígenas representam uma forma outra de sociabilidade humana, marcada pela vivência comunitária e pela igualdade e respeito ao humano. Existiram e existem ainda diversas sociedades ameríndias, cada uma com sua forma específica de vivência, língua, costumes e rituais próprios. Como traços essenciais, essas comunidades têm em comum o respeito à natureza, o desprezo ao trabalho no formato praticado pelo não indígena, além de uma acentuadíssima religiosidade. São sociedades igualitárias, caracterizadas pela divisão sexual e de faixa etária do trabalho e pelo curto tempo destinado às lidas (no máximo quatro horas diárias), num profundo antagonismo ao modelo do capitalismo. Distantes da volúpia do lucro, esses povos organizam-se através do vínculo de parentesco. A generosidade é um dos mais fortes de seus lemas, “(...) condição do prestígio político e condição para a vida numa aldeia” (SILVA, 1993, p. 139).

Entendemos a partir dessas considerações que não parece adequada a postura adotada em alguns livros que apresentam um olhar genérico referente aos indígenas, já que não lhes prestam devida individualização ou vinculação tribal, determinante de sua origem. Muitas vezes, de forma parcial, os índios só são apontados como “cordiais”, ou não selvagens, quando aliados dos brancos, e, ainda, como “inimigos”, quando opositores do progresso europeus pretendido.

Nesse sentido, este trabalho está baseado na pesquisa bibliográfica e na realização de entrevistas. A escrita do primeiro capítulo foi realizada através de estudos sobre os temas da história e da cultura Kaingang, além de estudos sobre o preconceito e a discriminação sobre os povos indígenas.

A segunda parte do trabalho é composta por uma pesquisa do campo qualitativa, realizada através de entrevistas com dois estudantes Kaingang da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, mais especificamente no campus Laranjeiras do Sul. Os estudantes são moradores da comunidade Rio das Cobras.

Nas entrevistas investigamos a respeito do povo Kaingang em relação ao preconceito e discriminação no decorrer do tempo em que os estudantes passam na universidade. Nos recursos técnicos utilizamos para as entrevistas a anotação por escrito das respostas das pessoas entrevistadas.

II. CAPITULO 1

O PRECONCEITO HISTÓRICO EM RELAÇÃO À COMUNIDADE KAINGANG

Entre os indígenas brasileiros foram desenvolvidas, historicamente, políticas autônomas para manter seus territórios e a sua continuidade enquanto populações diferenciadas entre si e dos não indígenas. Houve mudanças, mas não podemos colocar a subordinação como um resultado do contato dos indígenas com os instrumentos políticos dos não indígenas. A homogeneização dos indígenas foi esperada por muitos representantes da sociedade não indígena, mas os grupos indígenas reelaboraram sua concepção de sociedade e de mundo e mantiveram seu modo próprio de ocupação do espaço e construção do tempo, através da sua visão de mundo, relacionada a um novo contexto histórico (MOTA, NOVAK, 2008, p.173-174).

Mota (1994) afirma que muitos membros da sociedade não indígena pensam que os indígenas de hoje vivem no mundo dos brancos, porque passaram usar roupas e outros elementos da cultura não indígena. Essas mudanças são vistas por muitos não indígenas, como um sinal de que estes não são mais indígenas, aculturaram-se. Essa avaliação de muitos não indígenas é preconceituosa, porque julga apenas pela aparência.

Durante o período anterior a 1500 a bebida indígena era fermentada, feita e bebida coletivamente para comemorações. Essas comemorações duravam horas ou semanas até acabar o estoque de bebida. Após a chegada dos portugueses, os não indígenas montaram até alambiques nas aldeias, e a bebida passou a ser destilada em grande quantidade. Atualmente nas terras indígenas existe o costume dos jovens beberem como ritual de passagem para a vida adulta, mas não se pode naturalizar essa prática com uma imagem animalésca de selvagens sobre os indígenas. Estes povos indígenas são dotados das mesmas virtudes e vícios que qualquer outro povo (MOTA, 1994, p.74).

Também em relação ao preconceito os indígenas, estes também foram e são considerados como preguiçosos e improdutivos. Porém, desde o Brasil colônia os indígenas trabalhavam com a coleta de alimentos, faziam casas, caçavam e cuidavam do território. Muitos não indígenas negam esse desenvolvimento aos indígenas. A vida não indígena está baseada em valores e práticas diferenciadas,

enquanto as sociedades indígenas vivem em regimes comunais e igualitários, ou seja, suas terras não são para uma pessoa ou família, mas para toda uma comunidade. Para as gerações futuras as terras para sociedades indígenas possuem valor social e simbólico. Essas comunidades diferentes são chamadas pelos não indígenas como “dos índios”. De acordo com Mota (1994), resumidamente, devemos nos lembrar que os povos das florestas não são seres naturais que necessariamente protegem a natureza. Esses povos possuem um conhecimento milenar sobre o seu ambiente, mas nem por isso se deve esquecer que são, antes de tudo, humanos, dotados de cultura, assim como qualquer outro. Devemos levar em conta que muitos dos conceitos e preconceitos sobre a história e a cultura das populações indígenas foram engendradas, produzidas e pensadas através da ignorância sobre a cultura indígena.

Por outras instâncias de pensamento, muitas delas são desenvolvidas no interior das universidades e nos círculos intelectuais que trataram da temática. Esses estudos só depois chegam aos livros didáticos. Segundo pesquisas sobre os alunos das escolas indígenas, os indígenas possuem os mesmos direitos e deveres que qualquer cidadão. Porém, o que também perceberam é que esses direitos nem sempre são levados em conta:

É uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos. Nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimento de estranheza, medo, hostilidade (ROCHA, 1988, p.01).

Como o indígena não conhecia a escrita, não pôde ele próprio escrever sobre seu povo, seus costumes, seus valores, sua história, enfim, sua cultura. O que prevalecia nas culturas indígenas era a oralidade na transmissão dos conhecimentos e o interesse da coletividade, o que era de um era de todos. Portanto, as culturas eram muito diferentes. E foram essas culturas indígenas que entraram em contato e confronto com os não indígenas de origem europeia. O primeiro contato se mostrou amigável, porém não desinteressado. Em várias ações que os índios seriam submetidos os colonos, ávidos por lucros, desconsideraram grande parte dos costumes indígenas (as formas de trabalho, as guerras, a religião, a antropofagia e a poligamia). Portanto, pensar o preconceito nos parece indispensável, uma vez que este pode se constituir em uma fonte de violência. Conforme Bandeira e Batista

(2002), “embora seja uma categoria suficientemente ainda obscura para ser submetida ela própria a uma interrogação crítica (...), isso não nos impede de nos lançarmos à reflexão (BANDEIRA E BATISTA, 2002, p.120).”

O preconceito contra o povo Kaingang de Rio das Cobras

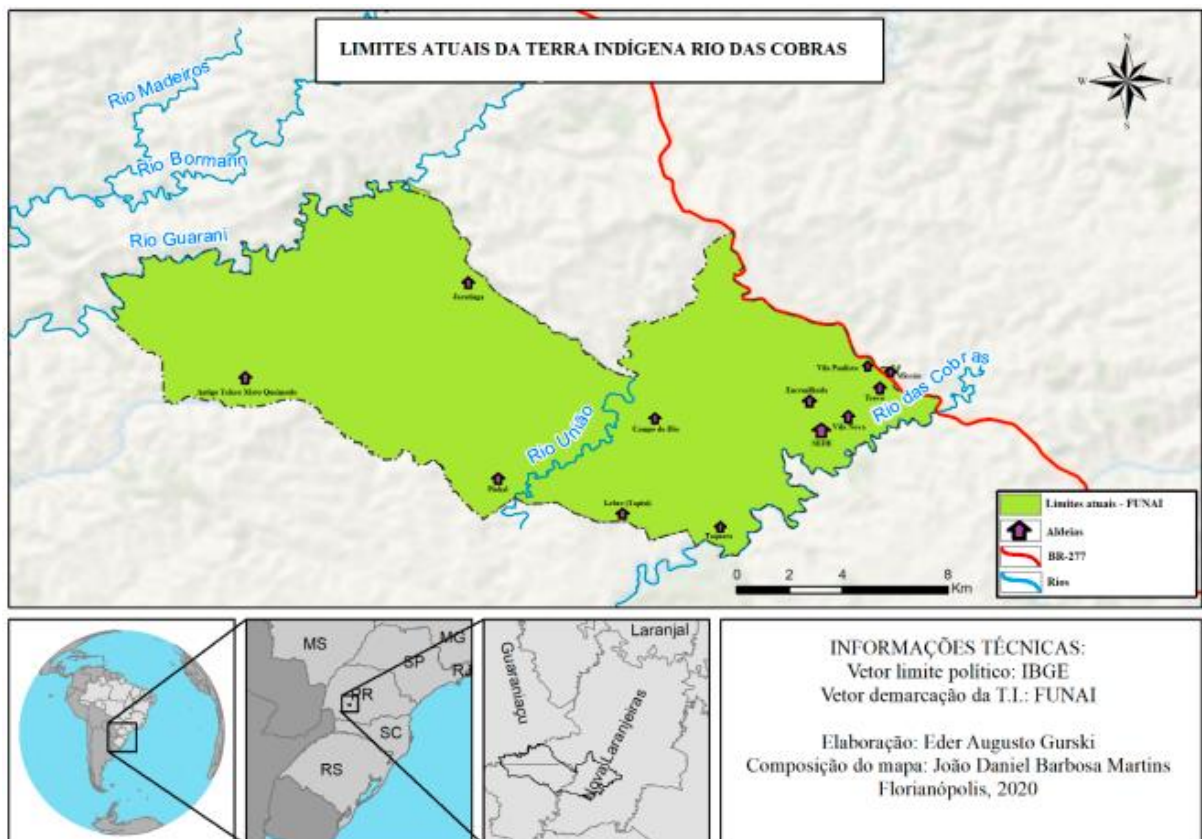
A comunidade indígena da etnia Kaingang da Terra Indígena Rio das Cobras, localizada no município de Nova Laranjeiras, vem sendo tratada com indiferença por pessoas não indígenas, seja através do preconceito da língua ou mesmo das marcas simbólicas e diferenças presentes nos artesanatos. Essas definições preconceituosas são históricas, inspiradas pelas teorias sobre a desigualdade das etnias, ou seja, das raça nas gerações passadas, e que permanecem da nossa sociedade até os dias atuais. Através dos meios de comunicação, atualmente continuam sendo passadas imagens distorcidas da realidade indígena Kaingang. O preconceito e a intolerância vêm sendo, assim, utilizada para limitar o acesso a direitos da população indígena. Alguns brancos (não indígenas), como os professores, tem buscado formas de valorizar a cultura como novas leituras, novos olhares, buscando assim outra nova Língua Portuguesa, na arte, entre outras formas de conhecimentos.

Como objetivos desse capítulo buscamos propiciar a compreensão conceitual e histórica referente ao comportamento social e a participação ativa dos indígenas na construção do estado nacional Brasileiro. Também, perceber como a História do Brasil, diferente da historiografia tradicional, vai possibilitar fazermos as interconexões da narrativa literária com a narrativa histórica que:

No momento em que o poder público, através da elite política, parece favorecer ou desfavorecer determinados grupos identificados por sua etnia, raça, religião, sexo, região, etc., nega a legitimidade de existir e de se exprimir de muitos outros segmentos, deixando as portas abertas às práticas preconceituosas e discriminatórias. Em outras palavras, nega a possibilidade do outro (da diferença) de ter acesso seja ao arsenal jurídico de igualdade e de traço ideológico dominante, seja ao reconhecimento e participação política (BANDEIRA e BATISTA, 2002, p.120).

Do período colonial até os dias de hoje os indígenas desenvolveram políticas autônomas para manter seus territórios e a sua continuidade enquanto populações diferenciadas entre si e dos brancos. Houve mudanças, mas não se deve colocar a subordinação enquanto uma resultante absoluta do contato dos índios com os instrumentos dos brancos. Não ocorreu à homogeneização esperada pelos representantes da sociedade envolvente, sendo que os grupos indígenas reelaboraram sua concepção de sociedade e de mundo, mas mantiveram seu modo próprio de ocupação do espaço e construção do tempo, através da sua lógica, relacionada a um novo contexto histórico.

Mapa 1: Terra Indígena Rio das Cobras



Fonte: GURSKI (2022, p.20).

No caso do desrespeito, o consideramos que os indígenas foram rejeitados desde a chegada dos não indígena e da ocupação dos seus territórios. Isso foi

assim no período da colonização e continua nos dias atuais. Através dessa visão, consideramos importante ressaltar mais informações sobre o preconceito e discriminação vivenciada no dia-a-dia no espaço escolar e nos outros territórios indígenas, pois o preconceito ainda é muito forte com relação à comunidade da Terra Indígena de Rio das Cobras.

MAPA 2: Localização das aldeias na Terra Indígena Rio das Cobras



Fonte: GURSKI (2022, p.20).

Em relação às formas de defesa contra o preconceito e discriminação, além das pesquisas que apontam as situações onde esses problemas ocorrem, uma saída que os Kaingang conhecem são as leis. Elas podem ser utilizadas para que os indígenas se defendam, tornando-se ativos contra a discriminação tanto racial quanto linguística, entre outras formas. Na Terra Indígena Rio das Cobras esta foi uma grande preocupação nos últimos tempos. Pode-se mencionar que em outras terras indígenas também existem perdas ou mudanças culturais por conta do preconceito em relação à língua e da aparência, e a luta contra esses problemas têm se mostrado cada vez maior.

Desde o período de colonização já teve o preconceito contra os indígenas até a atualidade. Enquanto não houver reconhecimento dos direitos dos povos Kaingang, há necessidade de se buscar uma forma de se preservar as futuras gerações, enquanto os povos indígenas existirem, a sociedade não indígena terá que

reconhecer e respeitar a sociedade indígena. Há povos indígenas em toda América Latina com seus habitantes originários, e muitos deles ainda têm seus direitos negados pelos descendentes dos colonizadores.

De acordo com BANDEIRA e BATISTA (2002, p.122), primeiro é preciso erradicar as diferenças, ou seja, visibilizar o valor de ser igual, de ser o mesmo diante da lei, da Justiça e do Estado, no seio dos quais deve inscrever-se a pluralidade ou a tolerância ao semelhante; segundo, o de cidadania, de ser reconhecido como cidadão por si e diante de todos, pois pertencer a um grupo ou a uma raça não pode ser objeto de julgamento ou discriminação.

Os direitos da comunidade indígena Kaingang não são corretamente reconhecidos e nem respeitados. Com isso, o povo Kaingang se inclui na manifestação geral dos povos indígenas de que o Estado brasileiro não cumpre seu dever com a lei. Isto significa que o Estado não quer abrir a mão para os indígenas, para atender suas demandas, inclusive do povo Kaingang. Enquanto isso as leis que fazem todos iguais, na realidade, não garantem os direitos de igualdade. De fato o governo não se preocupa com os indígenas como previsto em lei.

Sendo assim, os povos indígenas no Brasil, os primeiros donos desta nação, não foram respeitados. Também foram considerados como estrangeiros, de uma raça que vaga por onde passa, e assim os direitos destes povos foram negados. Portanto, os indígenas têm seus direitos perante a lei, mas o Estado não admite que os direitos sejam organizados de uma forma adequada. Ou seja, existe uma forma para sociedade indígena. No caso do povo Kaingang, não foram plenamente reconhecidos como indivíduos originários desta terra, ou seja, foram tratados como os que trazem problema para o Estado brasileiro.

Outro questionamento - referente à divisão do trabalho - indica que quando se é apropriado materialmente pelo trabalho, se é concomitantemente despossuído mentalmente de si mesmo. Aconteceram vários avanços nos últimos tempos, quando as intelectuais feministas explicitaram que a classe trabalhadora tem dois sexos, dando lugar a estudos centrados na questão de gênero que explicam a importância da mulher trabalhadora tanto na esfera da produção quanto da reprodução social. Esses estudos acabaram rompendo com as atitudes unívocas e apresentando a existência de outras relações que, tornadas invisíveis, acentuavam os preconceitos e a exclusão das mulheres trabalhadoras, preconceitos

materializados em múltiplas formas de violência. De certa forma, estes preconceitos acontecem também com os indígenas.

Bandeira e Batista (2002) afirmam que, “de fato, o que leva à discriminação e à exclusão não é a situação de carência material em si, mas o preconceito com relação às pessoas carentes. Isso gera formas diferenciadas de abordagem e tratamento, traduzindo o risco de poluição que potencialmente essas pessoas representam” (BANDEIRA e BATISTA, 2002, p.125). Não há dúvida de que, nesse caso, é o preconceito o gerador da discriminação e da desigualdade. Esse preconceito exclui um aspecto distintivo e que forma a organização moral da sociedade brasileira, onde se nega uma ética de igualdade ou de reciprocidade.

Nas conversas prévias com possíveis entrevistados na Terra Indígena Rio das Cobras, algumas das entrevistadas afirmaram que já foram discriminadas na venda de artesanato na cidade, mas que não tiveram como se defender porque demonstram dificuldade de falar a segunda língua, “o português”. Este tipo de preconceito está sempre presente. As mulheres são as que mais sofrem discriminação quando vão nas vendas de artesanato para sustentar suas famílias. Isto não acontece somente na cidade, mas na própria área indígena também, como na escola indígena, demonstrando que isso se tornou muito forte até mesmo dentro da comunidade indígena.

Através desta análise inicial podemos indicar que a discriminação se manifesta com os jovens indígenas que frequentam instituições fora da comunidade, e estes são vistos de uma forma preconceituosa pelos não indígenas em função de não reconhecer o povo Kaingang. Dessa forma, este trabalho pode ser uma forma de mostrar para a sociedade não indígena que os povos indígenas Kaingang devem ser respeitados e ouvidos por todos. Este trabalho busca a melhoria da forma de compreender o preconceito que está presente na Terra Indígena de Rio das Cobras.

Neste sentido, os grupos de jovens Goy ki Pyn e a comunidade da Terra Indígena de Rios Cobras estão resistindo para resgatar traços importantes que já foram deixados para trás ou negados em seus direitos. A Juventude indígena Kaingang, entre outros, está estudando em algumas Universidades, trazendo novos conhecimentos, sendo e continuando como indígena, com orgulho, estudando e aprendendo.

IV. CAPITULO 2

A DISCRIMINAÇÃO EM RELAÇÃO AOS INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE

Desde o início da ocupação brasileira feita pelos portugueses, os indígenas, logo após os negros, tiveram suas culturas dizimadas em prol do fortalecimento do cristianismo e se tornaram mão-de-obra na construção da colônia. O papel dos indígenas era a coleta, ou trabalhar na produção dos portugueses. Esses trabalhos eram realizados entre mulheres, crianças e homens.

Nas últimas décadas, os indígenas começaram a estudar nas escolas públicas e universidades públicas e privadas. Durante na entrada na universidade, os indígenas continuaram a ser discriminados em relação à linguagem e à aparência, entre outras formas de discriminação e racismo.

No caso dos estudantes indígenas, os alunos sofrem preconceitos porque os não indígenas (os brancos), tendem a julgá-los por querer ou estar inseridos na cultura do branco, por usar as mesmas roupas, por estar nos mesmos ambientes. Para parte da sociedade, eles precisam estar nus, viver nas aldeias e não e não ter nenhum acesso à tecnologias. Sem contar que os indígenas sofrem por desejarem ter acesso a mesma educação que os outros possuem.

Nesse sentido, a função da escola é mostrar novas realidades para seus alunos e fazer com que estes terminem essa fase se preparando para ingressar nas universidades públicas ou privadas. Seus institutos eram de divulgar a cultura e saberes do nosso povo, dentro e fora do território, além da valorização do que temos e somos.

Silva (2020) fala que, já não bastasse todas essas dificuldades, ao iniciar sua vida acadêmica, o aluno se depara com preconceitos acompanhadas muitas vezes, de perguntas cheias de repulsa. Os “alunos brancos” questionam porque os indígenas querem estudar, porque usam roupas, e muitos outros questionamentos.

A função da universidade é construir novos caminhos e oportunidades e com isso demonstrar que mais ações sociais devem ser pensadas, debatidas e construídas para e pelos indígenas. Até porque o objetivo da universidade é formar profissionais, sejam eles os indígenas ou não indígenas. Isso é mais do que respeitar as diferenças, é permitir que o outro seja o outro.

O preconceito e a discriminação representam as principais causas do abandono e desistência por parte de estudantes indígenas que ingressam com pouco conhecimento da vida universitária. Uma vez que os povos indígenas só tiveram acesso a esse nível de educação recentemente. Dessa forma, assim que vivenciam os primeiros atos de discriminação, tendem a desistir a desistir dos estudos.

Borniotto (2017) afirma que frente aos preconceitos vivenciados pelos alunos indígenas nas universidades, não se pode calar perante a lei e as condições financeiras ou títulos. Também é preciso transformar a estrutura universitária para que os saberes divergentes de outras povos/sociedades tradicionais, antes excluídos como traços de ignorância pelo etnocentrismo ocidental abrazeirado, sejam reconhecidos no mesmo patamar de legitimidade acadêmica.

Borniotto (2017) também afirma que o desejo de muitos alunos indígenas é possuir uma graduação e voltar para sua aldeia e oferecer auxílios para suas comunidades. São, também, portadores da consciência acerca do peso do sistema de preconceitos que incide sobre eles, transformando a rica diversidade de seus modos de viver em um ente único e genérico, que todos nós brasileiros, supomos conhecer “os indígenas”

A Universidade para os indígenas

A universidade deve estar preparada para buscar métodos e formas de auxiliar, e ao mesmo tempo se beneficiar dos indígenas para que, juntos, possam caminhar numa construção do conhecimento em que não seja mais suficiente a repetição dos paradigmas voltados para o capitalismo contemporâneo.

Borniotto e Faustino (2017), ao investigar os preconceitos vivenciados pelos alunos indígenas nas universidades, afirmam que os povos indígenas devem ser vistos como dotados de uma riqueza própria, pois possuem sua cultura e conservam seus valores mesmo com a pressão colonialista e violência dos brancos (os não indígenas):

É preciso atuar para garantir à pessoa que se identifica como sendo indígena a sua dignidade, o direito de ser quem é, de professar os seus credos, de manter a sua tradição, a sua cultura, de respeitar as manifestações linguísticas. Então, quando há uma atitude desrespeitosa,

ofensiva em relação ao indígena, isso dado o seu caráter de vulnerabilidade (BORNIOTTO e FAUSTINO, 2017 p.50).

O estudante indígena sofre as consequências desse preconceito em seu processo de formação, que tem relação com sua ascensão nos estudos e, conseqüentemente, corrobora com a evasão e com reprovações, transferências de cursos, entre outras dificuldades vivenciadas no seu cotidiano acadêmico. Essas situações impactam na conclusão da graduação, podendo implicar de forma negativa no seu processo de conhecimento (BORNIOTTO e FAUSTINO, 2017).

Borniotto e Faustino (2017), investigando as situações em relação aos professores da Universidade Estadual de Maringá - UEM, apontam que o estudante indígena, diante das atitudes dos professores, podem ter a autoestima prejudicada dependendo da relação estabelecida naquele espaço. O espaço pode manter o indígena sob uma visão de cerca inferioridade. O aluno indígena muitas vezes se sente “sem jeito”, pois os indígenas, quando ingressam na universidade, possuem o interesse de falar a língua indígena na frente dos demais estudantes não indígenas, ou seja, em público. Para estudantes indígenas, essa fala poderia ser interpretada como uma reação normal. O sentimento da inferioridade, acaba afetando a autoestima do estudante e conseqüentemente, seu rendimento em aprendizagem. Já que a universidade vai formar os indígenas e não indígenas, isso é mais do que respeitar as diferenças, é o que permite que cada um seja um e o outro seja outro.

De fato, os demais estudantes não indígenas acham que os indígenas tomam vagas do vestibular, entendem que é feita reserva de vagas, mas foi feita pelo estado. É possível que os indígenas expliquem que não estão ocupando as vagas dos outros, e sim ocupando as vagas do estado no âmbito nas políticas de ações afirmativas (BORNIOTTO,2017).

Entrevistas com estudantes indígenas

As entrevistas a seguir foram baseadas em Borniotto e Faustino (2017) em pesquisa realizada na UEM a respeito do racismo e do preconceito étnico relacionado aos estudantes indígenas presentes na universidade. As autoras discutem a situação de preconceito e racismo que os estudantes indígenas das

universidades públicas sofrem durante o ingresso na universidade, e em relação a essa situação foram observadas desistências de curso, reprovações e transferência de curso. Através da obra, analisamos e comparamos os preconceitos e racismo e discriminação na Universidade Federal da Fronteira Sul campus de Laranjeiras do Sul – PR.

Na UFFS o preconceito e o racismo ainda acontecem com os alunos indígenas, e essas duas entrevistas foram feitas com alunos indígenas da Universidade. As identificações dos alunos não foram autorizadas pelos acadêmicos indígenas. Nelas procuramos saber em que situações os alunos indígenas da etnia Kaingang foram discriminados. Porque os alunos indígenas têm o sonho de se formar no curso que estão fazendo. No outro lado, no meu ponto de vista, a gente não é totalmente aceito na universidade em que a gente estuda, porque nós, os indígenas, sofremos preconceito no nosso dia a dia, inclusive explicitamente.

Quando ocorre a dinâmica de apresentação da onde mora, foi o maior susto que os não indígenas receberam, mas queremos que os não indígenas da universidade vejam que tem indígenas na universidade, e que até hoje existem acadêmicos indígenas Kaingang estudando.

O foco dos acadêmicos da etnia Kaingang da UFFS é vir e aprender na faculdade e transformar aquilo que é bom para seu povo, então isso é o principal objetivo dos acadêmicos indígenas da Universidade Federal da Fronteira Sul no campus de Laranjeiras do Sul – PR.

A entrevistada 1 afirmou que a Universidade Federal da Fronteira Sul – campus de Laranjeiras do Sul – PR, não conhecia a realidade dos alunos em relação a cultura dos acadêmicos indígenas que estão estudando no campus da UFFS. Segundo ela fala também, a universidade descobriu que os indígenas estão na universidade estudando só quando a gente mostra as nossas danças dentro da universidade durante a semana acadêmica, então para eles a universidade, no outro lado, a universidade sabe que os indígenas estão ainda na universidade, mas ela esquece que eles estão passando por momento difícil durante a aula. A visão da universidade é que todos alunos são iguais, mesma cultura, mesma língua: “Mas somos de uma etnia diferente, somos indígenas e nunca vamos ser o que nós somos” (Entrevistada 1).

Em relação ao preconceito que ela sofreu na universidade, foi que entre elas e os colegas da universidade se agrupam para sair para almoço, e ainda voltam

juntos para sala de aula, ela não respondeu por que isso aconteceu. E também ela se sentiu excluída durante na hora do almoço em relação ao modo de olhar, ela sente que os alunos não indígenas acham que os indígenas não deveriam estar aqui estudando (entrevistada 1).

De fato, na universidade, a entrevistada afirma que sofreu preconceito durante o almoço. Ela fala que foi discriminada por causa de levar refrigerante dentro do RU – Restaurante Universitário, que ela não sabia, que não era para levar coisas dentro do RU: “eu fui discriminada por causa de levar refrigerante, para almoçar, e eu fui discriminado por nutricionista, fui chamado burro, e ainda chamaram todos nós de burro de todos os indígenas os acadêmicos” (entrevistada 1).

Alguém deveria ter avisado nós os alunos novos indígenas como funcionam as regras da universidade, mas ninguém nos avisou. Ela contou que:

A coordenação do curso deveria ter avisado nós, acho que a coordenação do curso acha que no outro lado a coordenação esqueça-se de contar alguma coisa para nós, coordenação acha que os indígenas estão aqui eles que se virem, eu acho isso. De acordo com a coordenação do curso, esqueceu-se de avisar como funcionam as regras da universidade incluindo no RU – Restaurante Universitário, mas os alunos indígenas têm todo direito na universidade em relação ao conhecimento e estudo. Não só de estudo, mas entre outras formas de conhecimento (entrevistada 1).

A entrevistada 1 também fala que “o importante é continuar estudando lutando contra esse preconceito que está acontecendo contra agente os estudantes na universidade”. A mesma entrevistada fala que,

a relação com os estudantes indígenas foram ótimas depois de apresentação de local e da sua origem, ou seja etnia, nós apresentamos que somos indígenas da etnia Kaingang. Mas esse preconceito e discriminação não me ajudaram muito, deveria ter acabado esse preconceito e racismo, contra nós os indígenas, quantos os alunos não indígenas estão discriminando a gente, fiquei pensando: será que vou desistir do curso? Mas no outro lado eu penso na minha família, e por mim mesmo que falei que vou terminar esse curso (Entrevistada 1).

A entrevistada falou que foi discriminado no RU da universidade por causa do que ela levou refrigerante no restaurante, ela afirmou também, que:

depois de chamar a gente de burro, os alunos não indígenas levaram refrigerante para RU, e ninguém tinha reclamado, então entendi que só os alunos não indígenas podem levar algumas bebidas como

refrigerante para toma dentro do RU da universidade, e os indígenas não podem. Na universidade alguns não indígenas não gostam da gente, porque que a gente sente isso, como estranhamento, acredito que foi por causa que a gente anda junto na universidade, mas isso é o nosso costume, relacionado a nossa cultura (Entrevistada 1).

Já o entrevistado 2 fala que a universidade conhece a cultura indígenas e os estudantes indígenas da universidade, mas não compartilha com os alunos não indígenas. Por isso, o preconceito acontece por causa da universidade não compartilhar a nossa cultura na universidade:

O preconceito e discriminação esta relacionado com as nossa aparência, como o modo de vestir roupas, e também pelo modo de andar junto sempre, mas a gente nunca vamos se separar, já estamos acostumados de andar junto, então isso é normal na universidade UFFS, mesmo assim estão discriminando, apesar disso não vamos desistir, a gente vamos lutar junto, não sabemos porque os companheiros alunos não indígenas estão discriminando por causa disso. Em relação ao preconceito e racismo, não passei por isso ainda por preconceito, mas meus companheiros já passaram por isso, nesse preconceito na universidade (entrevistado 2).

O entrevistado 2 fala também do preconceito em relação com os alunos não indígenas com acadêmicos não indígenas os colegas da universidade. O indígena entrevistado 2 afirma os colegas não indígenas arrastam aqueles bem estudiosos indígenas para o lados deles, “os não indígenas”, e deixam aqueles que têm dificuldades com os têm dificuldades e depois acham que a gente não estuda. Com isso acontece preconceito entre a gente: indígenas e não indígenas:

Com isso as nossas amizades não foram ótimas, foi irregular, e ainda os professores da universidade deixa os companheiros indígenas como se fossem juntar aqueles melhores junto com os alunos não indígenas “nossos colegas” com isso para mim isso foi preconceito na universidade em relação com as nossas amizades. Nessa situação o direito dos professores é criar oficinas de língua ou nas escritas para não deixar um aluno para trás, ou para alunos indígenas não ficar com dificuldade na escrita ou fala “apresentação de um texto encaminhada por professor na universidade (entrevistado 2).

Segundo o entrevistado 2, o racismo e o preconceito na universidade acontecem e vem dos acadêmicos não indígenas. A gente acha que esse preconceito e racismo vêm dos estudantes mais estudiosos, e a universidade precisa descobrir essa relação de preconceito contra nós os estudantes indígenas, por que agente precisa conhecer e estudar também, todos os dias ficam juntos em

coletivos, como já diz anteriormente somos acostumado ficar em coletivos, e também pela valorização da nossa cultura e conhecimento dos nossos direitos de estudar na universidade. Temos espaço e podemos ocupar esse espaço de estudar na universidade em Laranjeiras do Sul – PR:

Como já falei que somos estudantes indígenas podemos ser formados e podemos ter acesso a tecnologia como, celular entre outros, hoje temos liberdade nos expressar. Falando isso da liberdade, conhecemos nossos direitos através do que estudamos na universidade, e precisamos modificá-lo. Eu estou representando que cada estudante indígena tem orgulho da sua identidade, lutando, pela sua cultura onde estuda fora da sua Terra indígena (entrevistado 2).

Então precisamos estudar novos conhecimentos para trazer para nossa aldeia, porque é nosso direito estudar na UFFS, porque esse curso que estamos estudando está relacionado ao Governo Federal, que podemos ir até o fim, até conclusão do nosso curso que o governo nos ofereceu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente foi implantado o coletivo de estudantes indígenas na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), que hoje temos objetivos de preservar e valorizar o nosso estudo que estudamos até hoje. A universidade UFFS tem direito e dever de orientar e atender os outros indígenas da etnia diferente.

Nos dias atuais, alunos indígenas conseguem chegar na universidade, outros acadêmicos, como não indígenas, veem a presença maior de estudantes indígenas na UFFS, incluindo outras etnias indígenas. Podemos notar que os acadêmicos indígenas estão atrás da educação superior.

Os alunos indígenas deixam de serem outros em relação ao curso que estão fazendo fora da T.I, mas não de esquecer o que somos nós, e a nossa identidade étnica e a nossa língua materna e a cultura que estamos fortalecendo dentro e fora Terra Indígena. Ainda temos muito avanço para mudar, como falar português em outras formas de falar, e interagir soltar as nossas vozes durante a apresentação. Outro desafio é a adaptação à metodologia da universidade. Muitos desses estudantes indígenas têm o português como segunda língua, os alunos estão acostumados a ler três ou cinco vezes, para entender o que está lendo durante a aula.

Outra questão importante é que alunos indígenas da etnia Kaingang são os primeiros movimento indígena que ingressaram na universidade UFFS, campus de Laranjeiras do Sul. E é preciso que a universidade seja parceria da comunidade indígena da etnia Kaingang, para que a universidade apoie esses alunos indígenas durante o início da aula até o término do curso estão ingressado.

Em relação ao preconceito e racismo, durante a entrada na universidade UFFS no campus de Laranjeiras do sul – PR, era muito forte, como discriminação étnico culturais principalmente, com a instituição dos estudantes indígenas na universidade. O coletivo dos estudantes é composto por estudantes indígenas que acreditam por universidade normal sem discriminação, racismo e preconceito, que os estudantes indígenas precisa de respeito em relação a cultura étnico, e dos outros grupos de estudantes indígena da etnia diferente. Por meio da dificuldade foi criado o aumento dos acadêmicos indígenas na universidade UFFS, dar a voz a

eles, explicar e interagir. Orgulhamos e lutamos para estudar na universidade melhor, para ser os futuros acadêmicos formados no curso em que estamos.

Essa situação de alunos indígenas e seus desafios na universidade possam ajudar ou, pelo menos, contribuir para que se pense nas dificuldades enfrentadas por esses alunos e que assim sejam criadas novas estratégias e políticas educacionais voltadas, verdadeiramente, para os povos indígenas nas universidades brasileiras, pois, o que se percebe é cada vez mais o aluno indígena sendo pressionado a adotar os padrões não indígenas nos moldes de uma educação integracionista, preconceituosa e racista, no sentido de sempre ensinar os valores do não indígena e deixando para trás os saberes dos povos indígenas.

No início foi difícil trazer estudantes indígenas para a universidade. No entanto, a partir da abertura, por um projeto do Governo Federal, do curso de licenciatura em educação do campo: ciências sociais humanas, com aulas em regime de alternância, e da criação do Programa de Acesso e Permanência dos Povos Indígenas – PIN, o campus de Laranjeiras do Sul - PR da UFFS conseguiu encontrar indígenas e se reuniu em parceria com os professores da universidade. Isso possibilitou a realização de atividades direcionadas para os estudantes indígenas, como o processo seletivo especial para a entrada dos indígenas na universidade, e vem formando diversos professores indígenas para as escolas da Terra Indígena. Podemos destacar que estes foram os primeiros acadêmicos indígenas a estudar e se formar na UFFS: indígenas da etnia Kaingang e Guarani na T.I Rio das Cobras, localizado no município de Nova Laranjeiras – PR.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTON, Vera Maria Furlanetto; PROENÇA, Wander de Lara. O uso de contos com suas lições e ensinamentos: reflexões sobre a convivência, o etnocentrismo e o preconceito em relação aos índios da aldeia Kaingang de Manoel Ribas. In: PARANÁ, Secretaria da Educação. *O professor PDE e os desafios da educação pública paranaense*. Vol. 1. Curitiba: Edição Online, 2012.
- BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. In: *Revista Estudos Feministas*. [online]. 2002, vol.10, n.1, pp.119-141.
- BORNIOTTO, M. L. S. Políticas de inclusão e formação superior de estudantes indígenas no Paraná: experiências da universidade estadual de Maringá. (Tese de doutorado em Educação). Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2017.
- BORNIOTTO, M. L. S, Faustino, R. C. Estudantes indígenas na universidade: racismo e preconceito étnico. IN: Anais XI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE - Formação para mudanças no contexto da educação: políticas, representações sociais e práticas. 2013. p. 5061-5073.
- FARIAS, Andressa Batista; SANTOS, Josilene Pereira dos. Preconceito e discriminação contra povos indígenas: análise de situações de preconceito vivenciadas por índios do Parque Indígena do Xingu. In: *Web Revista SOCIODIALETO*, [S.l.], v. 8, n. 22 SER. 2, p. 255-271, jun. 2018.
- GURSKI, Eder Augusto. *Luta por terra no Paraná: o caso da Terra Indígena Rio das Cobras*. (Tese de Doutorado em História). Florianópolis: UFSC, 2022.
- MEIHY, J. C. S. B; RIBEIRO, S. L. S. *Guia prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- MOTA, Lucio Tadeu. *A guerra dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1796-1924)*. Maringá: EDUEM, 1994.
- MOTA, Lúcio. Tadeu. NOVAK, É. D. S. *Os Kaingang do vale do rio Ivaí: história e relações interculturais*. Maringá: EDUEM, 2008.
- NOVAK Éder da Silva. Territórios e grupos indígenas no Paraná: a expropriação de terras através do acordo de 1949. In: *ANAIS do XIV Encontro Regional de História*. Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2014.
- PIMENTA, Rosely Pereira Barbosa. *Atribuição de responsabilidade da atual situação do índio e o preconceito contra os povos indígenas brasileiros*. (Dissertação de mestrado em Psicologia). Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2009.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

SANTOS, Tadeu dos. *Arte, identidade e transformações na cestaria Kaingang da Terra Indígena Ivaí, no contexto de fricção interétnica*. (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais). Maringá: UEM, 2018.

SILVA, Francisco de Assis. *A História do Brasil: Colônia, Império, República*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

TOMAZ, Suzi G. *Preconceito contra o povo Kaingang da terra indígena Rio das Cobras*. (Trabalho de conclusão de curso). Laranjeiras do Sul: UFFS, 2018.

GUIMARÃES, E. *Multilinguismo, diversões da língua e ensino no Brasil*. Cefie/EL, Ministério da Educação, 2005.

VIANA, Olinda Siqueira Correa; LIMBERTI, Rita de Cássia Aparecida Pacheco. “Índios no Brasil: quem são eles?” – um estudo sobre o preconceito contra o indígena a partir de depoimentos em vídeo, 2011. Disponível em <http://www.ufvjm.edu.br/site/moebius/files/2011/04/Olinda-e-Rita-de-C%C3%A1ssia.pdf> > Acesso em 05 de junho de 2023.

ANEXO

Questões propostas nas entrevistas realizadas

- 1- A Universidade conhece a cultura indígena dos acadêmicos?
- 2- Quais são as formas de racismo ou preconceito ocorridas na universidade?
- 3- Como é relação de amizade dos alunos não indígenas com os indígenas Kaingang?
- 4- O preconceito e discriminação chegaram a atrapalhar seus estudos na universidade?
- 5- Qual foi a reação dos alunos não indígenas quando aconteceu sua apresentação como acadêmico indígena?
- 6- Em geral, aconteceu alguma forma de preconceito, racismo ou discriminação na universidade? Caso sim, a universidade produziu o preconceito ou os alunos não indígenas que estudam na universidade?